

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS
ANA PAULA RODRIGUES FERREIRA ROCHA

RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SIMBIOSE: COMPREENDENDO
A BUSCA DO INDIVÍDUO EM SER INTEIRO

RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SIMBIOSE: COMPREENDENDO
A BUSCA DO INDIVÍDUO EM SER INTEIRO

UBERLÂNDIA-MG

2011

ANA PAULA RODRIGUES FERREIRA ROCHA

RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SIMBIOSE: COMPREENDENDO A BUSCA DO INDIVÍDUO EM SER INTEIRO

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais - em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA-MG

2011

RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SIMBIOSE: COMPREENDENDO A BUSCA DO INDIVÍDUO EM SER INTEIRO

ANA PAULA RODRIGUES FERREIRA ROCHA

rodrigues.anapaula@bol.com.br

UNAT- União Nacional dos Analistas Transacionais

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire/DF

RESUMO

O relacionamento afetivo é um assunto que vem sendo tratado cada vez com mais frequência, assim como vem aumentando as expectativas para se encontrar um parceiro(a) adequado para se construir uma família. Infelizmente, muitos matrimônios começam e terminam muito rapidamente, por isso é importante estar atento ao que realmente se está buscando em um casamento. O presente artigo tem como objetivo tratar das questões de Simbiose e Solidão nos relacionamentos afetivos, recorrendo a autores tanto da Análise Transacional quanto de outros arcabouços teóricos. Dessa forma, pretende-se trazer informações sobre possíveis necessidades e sensações de vazio que podem ser levadas do relacionamento com os pais ou família para o relacionamento amoroso, em uma tentativa de preencher o sentimento de vazio que pode culminar em uma relação de dependência entre os parceiros.

Palavras-chave: relacionamento afetivo; simbiose; solidão; auto-estima; autonomia.

Introdução

Os casamentos estão cada dia desfazendo-se com mais facilidade ou sendo motivo de constantes reclamações entre os parceiros que concordam em começar uma vida conjugal. Muitas vezes, apesar de os casais mostrarem-se satisfeitos diante de seu companheiro, aparecem também demonstrações de insatisfação em conversas com amigos ou familiares e, ou mesmo relacionamentos extra-conjugais. As pessoas normalmente entram em um relacionamento levando consigo milhares de expectativas, esperando assim que com a nova vida e o parceiro ao lado, todas elas sejam satisfeitas, mas nem sempre isso acontece. (GIKOVATE, 2006)

Para Gikovate (2006) o ser humano não se sente como uma criatura inteira e completa. Desta forma, vive num estado de permanente busca de completude, condição que, como regra, seria encontrada por meio do acréscimo de algo que é exterior a ele. Existe a impressão de que algo ainda está faltando e acredita-se que atingir certos objetivos

determinará em si a busca da sensação de inteireza. O mais comum é que o ser humano sinta que a plenitude será alcançada por meio da aliança com outra pessoa, detentora de todas as “partes” que acredita não existir em si mesmo.

Kiley (1991) nomeia este processo como Solidão de vida em Comum (SVC). Segundo o autor, existem dois elementos externos à pessoa, que auxiliam para que o processo das vidas em Comum com sentimentos de solidão disparem: o ambiente no qual a solidão ocorre e o comportamento segregante do seu parceiro. Estes elementos dão início a uma reação em cadeia que culmina com o mais básico dos sentimentos de solidão: o vazio.

Esse sentimento de solidão muitas vezes pode estar diretamente relacionado com os estímulos externos recebidos durante toda a vida de pais ou familiares, tais como indiferença ou desproteção. Este tipo de estímulo recebido durante a infância não pode ser compreendido de forma adequada e com discernimento por parte da criança, o que pode leva - lá a ficar pode ficar perplexa diante de atitudes que para ela signifiquem rejeição e culpa. Um exemplo disso é quando existe frustração conjugal entre marido e mulher, e a criança ouve discussões, brigas, ou até mesmo, acaba sendo colocada no meio de uma discórdia, tendo que decidir qual dos lados está com a razão. Quando isso acontece, a criança pode deduzir que os pais estão com problemas e se apressar em salvá-los. Entretanto, tratando-se de uma criança com poucas experiências, ela pode chegar a uma falsa conclusão de que é a causadora do problema, tentando assim salvar os pais. Com o sentimento de culpa, vem a diminuição da auto-confiança e o sentimento de tristeza e solidão, acompanhados da baixa auto-estima, o que o faz evitar momentos em que esteja sozinho, e buscar o outro de forma exacerbada, para preencher um vazio que é interno.

Assim, ao tentarem preencher esse vazio, muitas pessoas constroem uma relação de dependência, em que dois ou mais indivíduos se conduzem como se formassem entre eles uma única pessoa, inibindo assim a capacidade de desenvolvimento de ambos. No escopo teórico da teoria psicológica da Análise Transacional, esse tipo de relação é chamado por Schiff e Schiff (1971) de Simbiose.

Segundo ele, Simbiose é uma associação entre organismos na qual ambos recebem benefícios, mesmo que em diferentes proporções. Em contextos de relação humana, esse tipo de associação interfere direta ou indiretamente nas potencialidades e capacidades das pessoas, tendo efeitos também na espontaneidade, consciência e intimidade, e podendo levar à dependência, à falta de consciência de suas capacidades, à distorção da auto-imagem, além da distorção da percepção dos outros e do mundo.

Considerando a atualidade da discussão a respeito do engajamento das pessoas em relacionamentos afetivos, e pensando sobre como o conceito de Simbiose pode ser uma ferramenta teórica importante para o entendimento dessas questões, o objetivo do presente artigo é apresentar posições de autores, tanto da Análise Transacional, Crema, Minervino, assim como os de outras abordagens, como Flávio Gikovate e Dan Kiley, a respeito de Simbiose e Solidão. E, dessa forma, trazer informações sobre possíveis necessidades e sensações de vazio que podem ser trazidos do relacionamento com os pais ou família, mas que acaba havendo a tentativa de preenchimento através do companheiro (a), levando assim a relacionamentos que podem levar à dependência de ambos.

Entendo melhor a Simbiose

Segundo Schiff e Schiff (1971, p. 41) "a simbiose é uma condição normal no estágio oral de desenvolvimento da criança. É vivida por ambos, mãe e filho, como o fundir ou compartilhar de suas necessidades". Com o crescimento natural do indivíduo, ele começa a ter suas próprias sensações e pensamentos, e aos poucos se torna capaz de resolver seus problemas de forma independente, sentindo-se assim como único, separado da mãe. Dessa forma, a Simbiose pode ser positiva, a partir do momento em que ela mantém a segurança da criança em um período de completa dependência.

Para Crema (1977), a Simbiose ocorre quando existe uma complementação entre duas pessoas, sendo que uma busca na outra aquilo que falta em si mesma. Pode-se entender então que é uma relação de dependência, visto que os indivíduos necessitam um do outro para se sentirem como inteiros.

Neste sentido, a patologia se inicia quando a relação simbiótica sofre alterações, visto que muitas vezes os pais preparam os filhos de forma inadequada, dificultando seu funcionamento como pessoas independentes e capazes de resolver os próprios problemas no mundo. Isso pode acontecer tanto quando existe uma indiferença, desqualificação ou negligência por parte da mãe com relação ao filho, quanto quando haja superproteção, (SCHIFF e SCHIFF 1971).

O caso da superproteção ocorre quando a mãe continua a prover para o filho à medida em que ele se desenvolve, não permitindo que ele se cuide sozinho e fazendo por ele, em lugar de ensiná-lo. Woollams e Brown (1979), afirmam que, diante disso, o filho não tem a oportunidade de desenvolver e energizar seus estados de Ego Adulto e Pai. Dessa forma, quando ele crescer, poderá manipular pessoas à sua volta com a finalidade de obter a satisfação de suas necessidades. Assim, o indivíduo tenderá a

repetir a relação de dependência que teve com a mãe, com outras pessoas similares a ela (chefe, esposa/marido, etc.)

A Desqualificação acontece quando existe um diálogo interno que incapacita o indivíduo de agir sobre determinados aspectos da realidade em si mesmo, no outro ou no meio. Assim, o indivíduo pode desqualificar em três áreas diferentes: ele mesmo, os outros ou a situação, e, de quatro modos em cada uma delas: a existência do problema, o significado do problema, a possibilidade de resolução do problema e a própria pessoa (SCHIFF e SCHIFF, 1971).

Quando existe negligência ou indiferença da mãe para com o filho, este poderá aprender a assumir o papel original da mãe na simbiose e, assim, excluir o seu próprio Estado de Ego Criança, utilizando os estados de Ego Pai e/ou Adulto para se proteger. Podem ocorrer também casos em que a mãe desqualifica as suas próprias necessidades e carências, e assim começa a "inverter os papéis", recusando-se a cuidar do filho para que suas próprias necessidades sejam atendidas. A consequência disso será um filho que cuida da mãe e desqualifica as próprias necessidades, como forma de manter a Simbiose (WOOLLAMS e BROWN, 1979).

Além disso, a Simbiose pode ser justificada por uma ação chamada de Grandiosidade. Ela envolve um exagero que distorce as características das pessoas ou da situação e pode tanto levar a sentimentos de inadequação quanto à exclusão da possibilidade de que metas sejam estabelecidas. A grandiosidade leva o indivíduo a não assumir responsabilidades por determinados comportamentos e situações (SCHIFF; SCHIFF, 1971).

O sentimento de rejeição: medo de amar e solidão.

O medo de amar pode estar diretamente ligado às experiências vivenciadas durante os primeiros anos de vida. Ainda incapaz de entender o mundo e suas reações com equilíbrio e discernimento razoáveis, a criança ficará perplexa diante de atitudes que para ela signifiquem rejeição. A repetição frequente dessas atitudes pode aumentar cada vez mais esse tipo de sentimento (MINERVINO, 1980).

Em minha prática clínica observo que as experiências mencionadas acima podem estar relacionadas a momentos em que a criança presencia discussões de pais, ou cenas de agressão, ou verbalizações repetitivas que podem formar crenças, por exemplo: "As pessoas não são confiáveis", "Relacionamentos só nos trazem tristeza", "Homem não presta". Com o tempo, ouvindo falas ou vendo tais cenas com

frequência, elas tomam decisões baseadas no que presenciaram, visto que ainda são crianças, e não têm maturidade suficiente para tomar decisões tão sérias, as quais serão levadas para toda a vida.

Além disso, de acordo com Minervino (1980), durante o processo educativo, a criança recebe vários conceitos, normas e idéias preconceituosas. A tendência é que ela internalize aquilo, visto que ainda é incapaz de julgar e avaliar esse processo corretamente. Dessa forma, elas podem começar a enxergar o mundo como uma imagem ameaçadora, exigente, fria e discriminatória. Essa imagem de uma sociedade inibidora, não receptiva ao amor e estimulante do isolamento poderá prejudicar a sua afetividade, induzindo-a a posições de retraimento, de isolamento e medo de amar.

Ainda segundo este autor, os indivíduos que foram condicionados a viver com esse medo de amar poderão perder oportunidades de desfrutar mais plenamente o relacionamento humano em geral. Entretanto, eles serão ainda assim capazes de seguir em frente sozinhos, provavelmente buscando companhias em círculos de amigos e vida social. Com o tempo, percebem que a solidão ainda permanece e tendem a sair em busca de alguém que possa preencher o vazio. Assim, dois seres solitários se unem, tentando vencer a solidão, mas infelizmente os condicionamentos que eles trazem como bagagem são ignorados e não favorecem a construção de um relacionamento saudável. Estarão simplesmente somando solidões, porque continuam com medo de amar.

Analisando diversos casos que são tratados em consultório, pode-se perceber que nesses relacionamentos, grande parte das vezes, juntamente ao amor vem o medo de perder, a insegurança e o ciúme. Muitas vezes, o casal passa quase o tempo todo junto, mas não apenas por simples vontade, e sim pela existência de um temor de perda mútua ou de que o outro conheça alguém e se apaixone. A insegurança e também a falta de confiança em si podem levar a uma desconfiança do outro. Assim, o relacionamento começa a ser sustentado por uma grande dependência. Nesse momento a individualidade de cada um começa a se perder: o “Eu” passa a ser “Nós” praticamente todo o tempo.

Amar é um risco. À medida que a pessoa sente medo de se arriscar, irá sentindo que ninguém a ama; então a vida torna-se vazia, podendo existir um sentimento de desilusão. (KILEY, 1991). Além disso, por exemplo, mesmo estando com um parceiro, a esposa pode sentir que não é amada ao entender que ele se comporta de maneira insensível quando ele não lhe dá a desejada atenção em

determinado momento, ou quando quer fazer algum programa somente na companhia de amigos.

Kiley (1991) afirma ainda que o adequado é a pessoa se responsabilizar por suas próprias ações e reações. Perceber o que o comportamento dele provoca no outro, e não porque ele age como age. Mas isso acaba sendo difícil nesses tipos de relacionamentos, pois cada um não enxerga que esses sentimentos de isolamento e vazio já vieram consigo mesmo, e pelo contrário, entende que o parceiro está fazendo com que ele se sinta daquela forma.

A solidão da pessoa simbiótica é vista como um estado muito ruim que deve ser evitado de qualquer maneira. Quando se está sozinho, parece que alguma coisa está faltando, como se viesse o sentimento de incompletude em si mesmo. Por mais que isso aconteça com frequência é estranho pensar que pessoas adultas e auto-suficientes possam sentir, quando sozinhas, que lhes falta uma parte (GIKOVATE, 2006).

Parece haver no ser humano a nostalgia de uma perfeição perdida. Uma possível explicação para isso, segundo Gikovate (2006), é que existe uma lembrança da harmonia e completude vivenciadas durante a fase uterina, em que o bebê sente-se como parte da mãe. Pensando assim, o nascer seria a primeira e maior experiência traumática de separação e sentimento de incompletude. Essa sensação de completude é o que Schiff e Schiff (1971) descreve como Simbiose positiva, visto que ela permite a segurança da criança no período em que ela é totalmente dependente, e neste momento mãe e filho compartilham as suas necessidades, sentindo-se como um só.

Ainda segundo Gikovate (2006), na infância buscamos a integração por meio da aproximação física com nossa mãe. Já que nascemos ainda incapazes de sobreviver por meios próprios, é a mãe quem nos aconchega, diminuindo assim a dor do desamparo relacionada com a sensação de incompletude e a idéia de que somos apenas uma fração. Dessa forma, nossos problemas práticos e nossas necessidades concretas são logo resolvidos. Pode-se dizer a partir disso que existe uma dependência tanto emocional, quanto física daquela mãe que ampara e protege. A partir dessa dependência, pode surgir a sensação de completude e, mais tarde, a crença de que a forma de nos sentir completos seria por meio de uma aproximação especial com outro ser humano. Essa crença faz com que o indivíduo busque relacionamentos simbióticos, a partir do momento em que a Simbiose entre mãe e filho(a) não é rompida.

Quando os pais continuam fazendo pelos filhos tarefas que, mesmo ainda sendo crianças, já têm a capacidade de fazer sozinhos, eles podem crescer acreditando que não

são capazes, e que precisam do outro para conseguir o que querem e tomarem decisões. Essas tarefas podem ser desde o trabalho de casa como arrumar a própria cama, lavar o tênis, arrumar o lanche, ir à padaria sozinho, assim como a tomada de decisões por conta própria, como por exemplo, qual fruta quer comer no café da manhã, se prefere a roupa azul ou a verde. O que ocorre nestes casos é um excesso de cuidado, os pais protegem como se acreditassem que os filhos não conseguem se cuidar ou se proteger sozinhos, e é esta a mensagem passada para as crianças.

Quando essa crença de dependência e incapacidade é mantida, existe uma dolorosa sensação de desamparo e incompletude, pois a pessoa cresce acreditando que depende de outra para conseguir o que quer, e não confia e acredita que pode se sentir bem sozinha. Isso é facilmente perceptível em alguns relacionamentos, em que um precisa necessariamente do outro para escolher se quer ir ou não em determinado evento, ou até mesmo, casais que sempre fazem compras juntos, porque um precisa da opinião do outro. O problema não está em querer a opinião do outro, ou querer estar grande parte do tempo ao lado do parceiro, mas sim no excesso e na extrema necessidade dessa pessoa. Quando isso acontece é importante estar atento, ao que exatamente se está buscando no relacionamento, pois diante das práticas clínicas, percebe-se que a pessoa diversas vezes, inconscientemente, busca a imagem do pai ou da mãe no parceiro, criando assim a expectativa de que as necessidades antigas serão supridas pelo namorado(a).

Segundo Gikovate (2006), ao sentirem-se como uma metade, as pessoas buscam por soluções ligadas ou à reintegração ao todo em que vivem ou à aliança com pessoas ou coisas que as cercam.

Kiley (1993) explica que esse sentimento de vazio surge na infância, mas começa a se manifestar por volta dos doze anos. O autor fala também que existe uma insatisfação dos casais com seu casamento e consigo mesmos, por diversas razões, e isso resulta em diversos efeitos sobre os filhos. O pai busca esconder sua dor, adotando uma postura de dourado e utilizando crenças e expressões que comprovem essa postura, tal como: "Homem não chora". Diante disso, o filho se retrai na relação pai/filho, visto que ele vê o pai como uma incógnita, e acredita que não merece nem seu amor, nem sua aprovação dele, gerando uma grande ansiedade.

Por outro lado, a mãe tenta sofrer em silêncio, mas fracassa, e finge estar satisfeita, pois está sacrificando a vida pelos filhos. Obviamente a criança percebe esse descontentamento e isolamento, e inicialmente ela coloca a culpa no pai, mas não

consegue porque precisa do amor dele. Diante disso, a solução que encontra é culpar a si próprio, chegando à conclusão que a mãe tem boas razões para rejeitá-lo, idéia esta que o persegue, levando também a uma alta ansiedade.

Em consultório pode-se identificar facilmente essa postura de afastamento do pai/mãe. Normalmente, os filhos se afastam do pai, por não concordarem com suas posturas ou por pensarem que não têm nenhuma afinidade com ele, ficando mais próximos da mãe. Pode ocorrer também, inconsciente ou até mesmo conscientemente, de os indivíduos verem a mãe sofrer e culparem o pai, e partir disso levando-os a crenças como: “Relacionamento afetivo não dá certo”, “Homem sempre faz mulher chorar”, ou “Os homens não são confiáveis”. Essas crenças podem causar sérios danos nos futuros relacionamentos dessas pessoas, como o medo de se relacionar, porque acham que necessariamente irão sofrer; ou a busca por pessoas que confirmem as crenças criadas, relacionando-se com pessoas que vão causar algum tipo de sofrimento.

Dessa forma, eles continuam acreditando que é impossível encontrar alguém legal, que os ame de verdade, confirmando que sempre ficarão sozinhos. Normalmente, quando as pessoas usam muitas palavras como “sempre” e “nunca”, estão vivendo limitadas a algum tipo de crença, e isto pode dificultar sua vontade de viver alguma experiência nova, por medo de arriscar e de se entregar em um relacionamento.

Ainda segundo Kiley (1983), quando um filho presencia diversas discussões entre os pais, ouvindo coisas ruins tanto de um lado, quanto de outro, ele é obrigado a formar suas próprias conclusões. Isto pode levar a uma confusão por parte da criança, fazendo com que ela busque um sentido para tudo aquilo que ouve, tomando consciência de que algo grave está acontecendo. Mesmo que o bom senso lhe informe que os pais estão errados, sua lealdade para com eles é mais forte, colocando-a como a culpada pela situação, e ainda acreditando que pode salvar os pais dessa dor emocional. O que acontece aqui é o que Schiff e Schiff (1971) chamam de Desqualificação, na qual observa-se um diálogo interno que incapacita o indivíduo de agir sobre determinados aspectos da realidade, incluindo a si mesmo, ao outro ou ao meio. Nesse caso, o indivíduo desqualifica a si mesmo e a existência de um problema que poderá prejudicá-lo, visto que deixa as próprias necessidades de lado.

Essas cenas geralmente são esquecidas com tempo em um plano consciente, embora ainda permaneçam guardadas no inconsciente e influenciem os comportamentos nos relacionamentos na vida adulta. Isso fica bastante perceptível

quando são analisados casos de clientes que chegam ao consultório com queixas de dificuldade em se relacionar, confusão com os próprios relacionamentos, ou até mesmo quando eles querem algo, mas tem tido ações contrárias às próprias vontades. Nesses casos, comumente se observa que existe uma cena guardada e que, a partir dela, alguma decisão foi tomada, prejudicando assim a forma de ver uma relação.

Com o tempo, o conflito com a figura paterna leva à contaminação dos relacionamentos dessa pessoa com figuras masculinas que representam algum tipo de autoridade, e assim pode provocar um distanciamento. Em relação às figuras femininas, o conflito é revelado quando o indivíduo se aproxima de uma mulher, já que a forma que ele encontra de amá-la é fazendo dela a substituta de sua mãe. Diante disso, é formada uma auto-imagem tão negativa que a pessoa se percebe como indigna de ser amada e, quando se convence disso, passa a não enxergar motivos em ser atenciosa, acreditando que de nada adiantaria. Assim, surge o desespero e junto dele começa a negação pelas responsabilidades, acreditando que nunca faz nada de errado (KILEY, 1983).

Este processo pode ter como consequência, segundo Kiley (1983) a paralisia emocional como defesa do jovem, para que possa fugir da angústia e o sentimento de rejeição que sente, levando-o à opção pela racionalidade, que anestesiará a dor sentida. Além de um forte distanciamento do pai e um sentimento de raiva e culpa em relação à mãe, existe uma auto-imagem muito negativa, o que leva a uma sensação de não pertencimento à própria família. Dessa forma, fica nítida a sensação de solidão sofrida por estes indivíduos.

Assim, necessidades de dependência que não foram supridas na primeira infância inibem na pessoa o desenvolvimento de relacionamentos maduros, levando-os a se comportar como crianças que precisam de proteção e procuram no parceiro uma figura parental. Diante disso, fica nítido o conflito relacionado ao papel sexual, pois a insegurança que ele sente o faz refugiar-se junto à mãe, evitando assim um amadurecimento sexual, e a sua impotência é camuflada pela falsa alegria que ele demonstra estar sentindo (KILEY, 1983). Este momento também pode ser comparado ao que Schiff e Schiff (1971) chamam de Desqualificação, pois nessa situação, o indivíduo nega a existência de um problema que está acontecendo com ele, fingindo estar tudo bem.

Com a chegada da adolescência, começa a busca por um companheiro, mas esta busca muitas vezes pode ser problemática, por se iniciar com o propósito de preencher

um vazio: é como se aquela pessoa correspondesse ao pedaço que está faltando. Assim, quando aparece uma pessoa que preencha os mínimos requisitos exigidos por aquele indivíduo, ou seja, que em outras circunstâncias não causaria uma atração ou interesse, já será suficiente para desencadear um encantamento. De repente, a presença da pessoa amada provoca sensações parecidas com as que um bebê sente ao lado da mãe: paz, aconchego e proteção. E provavelmente em circunstâncias mais estáveis aquela mesma pessoa não causasse tal impacto (GIKOVATE, 2006).

Nesse cenário, Kiley (1993) afirma que são criados os relacionamentos dependentes, em que, de um lado estão pessoas imaturas emocionalmente, centradas em si e agressivas, atraindo pessoas dependentes e passivas, que buscam alguém que possam cuidar e obedecer. Pode-se dizer que o medo do fracasso e da rejeição faz com que os indivíduos evitem situações de risco, e assim eles impedem a si mesmos de investir de verdade em um relacionamento, pois acabam se tornando incapazes de amar.

Com o tempo, mesmo que o casal se sinta insatisfeito com alguma coisa, ou quando o relacionamento não está mais satisfazendo as necessidades, eles permanecem ali. Isso acontece, muitas vezes, pela comodidade e o medo de não encontrar outra pessoa, ou de fazer com que aquele relacionamento torne-se mais saudável. Pode-se dizer, baseado em casos clínicos, que existem ganhos secundários que mantêm os relacionamentos, como a segurança que um dá ao outro, a ótima companhia, as afinidades, a estabilidade emocional ou até mesmo financeira. Por outro lado, a primeira queixa dos casais que vivem esse tipo de relacionamento é que o sexo está praticamente acabado, o que é esperado, visto que a imagem que se tem um do outro passa a ser muito mais parental do que de um casal.

Para Gikovate (2006), é exatamente isso o que o enamoramento faz: transforma uma pessoa que seria indiferente em alguém absolutamente indispensável e em cuja ausência parece que só nos resta a morte. Já que antes existia um sentimento de desamparo e desespero por estar sozinho, e agora vem a sensação de inteireza, sentindo-se forte e orgulhoso de si mesmo e da escolha amorosa. Nesse momento, a felicidade encontrada depende da presença do outro: é como se um não existisse sem o outro. Isso é perceptível em comentários de casais, tais como: “Eu não vivo sem ele (a)”, “Se ele (a) terminar comigo eu morro”.

Discussão

Diante de tudo o que foi relatado anteriormente, pode-se perceber que quando se coloca o outro em primeiro lugar, ou seja, quando se busca resolver um problema interno com algo externo a si, o sentimento de vazio e solidão permanecem. Gikovate (2006) explica que, quando o outro se torna peça necessária para a estabilidade emocional de alguém, podem ser desenvolvidos mecanismos de dominação que poderão agir sobre a pessoa. Assim, a dependência em relação ao outro aumentará, diminuindo automaticamente a auto-estima do indivíduo. Isso acontece porque existe uma maior preocupação em saber como vai o outro do que com aquilo que está se passando dentro da própria alma. Não é bom nem para si, nem para o outro que ele seja a salvação, visto que não há salvação possível por meio do outro.

Fica bastante perceptível a dificuldade do ser humano em se perceber sozinho e em compreender que não existe a metade ideal com a qual se sonha. Assim, quando o indivíduo se aceitar como criatura essencialmente solitária, ele pode parar de enxergar nos outros, o remédio para seu desamparo. Aceitando o seu vazio, saberá que os outros não podem servir para preenchê-lo.

Além disso, os que percebem os outros como remédio para seus males relacionam-se com eles sempre buscando e tentando satisfazer as próprias necessidades pessoais, visto que, as pessoas inconformadas com sua incompletude são capazes apenas de ver o que as cerca como um universo ao qual precisa oferecer algo para preencher suas lacunas (GIKOVATE, 2006).

Quando as pessoas percebem-se incapazes de se responsabilizar pela própria vida, a resolução de problemas é suspensa, pois elas começam a reagir por hábito e não por raciocínio consciente, passando a não considerar as opções, não se vendo como responsáveis pela construção da própria história. Isso pode ser relacionado, segundo Crema (1977), com a Síndrome da Passividade, propostas por Schiff, pois a partir do momento em que a pessoa não se responsabiliza pelas próprias atitudes, acredita que não pode fazer nada para mudar aquilo, acomodando-se, sobreadaptando-se ou ficando apenas na agitação, mas nunca tomando uma iniciativa para sair desse ciclo vicioso. Dessa forma, ela permite que sua vida siga por acaso, mais do que por escolha.

Por volta dos oito anos de idade, a criança já começa a querer fazer algumas escolhas. É muito importante que os pais dêem essa permissão a elas, no intuito de que ela desenvolva a capacidade de pensar. Dessa forma, os pais já começam a mostrar aos filhos que eles podem fazer algumas coisas sozinhos, resolver alguns problemas por si

mesmos, tomar decisões e fazer escolhas mais simples. Mas devem ser dadas opções limitadas e deixar que ela escolha.

A partir disso, o indivíduo começa a qualificar as suas ações e perceber as próprias capacidades. Quando isso acontece, os pais estão auxiliando para que a criança cresça com uma maior segurança e confiança em si, e isso poderá trazer diversas consequências positivas no futuro dos filhos. Neste momento é cortado o fio de dependência que ainda existe entre os filhos e os pais, uma atitude que não é fácil, porém é necessária.

Considerações finais

É importante a consciência de que o ser humano vive em busca de ser inteiro, mas que isso é apenas uma busca, pois essa inteireza não será conquistada, visto que um ser humano sempre precisará de outro, de alguma maneira. Pode-se perceber o quanto é importante as trocas entre os indivíduos e, desta forma, entender que a Simbiose pode ser substituída pela Cooperação entre os seres. E assim, enxerga-se a possibilidade de ver a vida independente da presença do outro, separando-se autonomia de independência.

O ser humano é um ser social, então quer sempre o contato com outro indivíduo, gosta de estar rodeado de pessoas queridas. Mas existem momentos em que ele gosta de ficar sozinho e enxerga esse tempo como algo positivo para que possa refletir sobre suas ações e planos, sobre o que pensa e sente, além de se auto-observar. Por outro lado, existem indivíduos que fogem do silêncio e de ficarem sozinhos, pois, nestes momentos de contato com o interno, com o que pensam e sentem, percebem um vazio dentro de si. Para eles é muito mais fácil olhar, observar e estar com o outro do que estar consigo.

Normalmente, estas pessoas são aquelas que buscam preencher esse vazio com a presença do outro: querem a todo o momento estar rodeada de pessoas ou ao lado do parceiro. Essa presença mascara a insegurança interna, o medo de estar sozinha e, muitas vezes, a baixa auto-estima e o medo de ser rejeitada.

Pensando desta forma, um bom começo para sair de uma simbiose indesejável está na consciência de que o indivíduo pode se responsabilizar por si mesmo e que, por mais que precise do outro em alguma situação, pode tomar suas próprias decisões, ter autonomia e ir atrás do que quer. Assim, pode-se dizer que o processo de desenvolvimento ou o início para que se possa encontrar alguém e ter um

relacionamento saudável acontece consigo mesmo, voltando-se à própria verdade. Para isso é necessário estar preparado, mesmo que haja algumas passagens difíceis pelo caminho, sendo muito importante trazer a responsabilidade para si.

1. GILBERTO, J. *Exemplos sobre amor e sofrimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, 2004.

2. LIMA, D. *Matemática do Poder Puro*. 1. ed. São Paulo: Campo Matemático, 1993.

3. LIMA, D. *Viagem a dois vértices esféricos: Como chegar aos sólidos ocultos*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABC, 1994.

4. LIMA, D. *Matemática: Como chegar aos sólidos e mais?* São Paulo: Editora Fapemas, 1992.

5. MONTAUDO, W.; SCHIFFO, J. L. *Polímeros de Polímeros*. Porto Alegre: Editora Intergrafia Ltda., 2001. e *Polímeros de Polímeros de Polímeros*, DNA (BRASIL), 2003.

6. RIBEIRO, A.; RIBEIRO, M. *Manual Completo de RT*, São Paulo: Cengage, 1979.

Referências Bibliográficas:

- CREMA, R.. **Manual de Análise Transacional**. Brasília: Teledata, 1977.
- GIKOVATE, F.. **Ensaio sobre amor e solidão**. 6. ed. Rev. São Paulo: MG Editores, 2006.
- KILEY, D. **Síndrome de Peter Pan**. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1987.
- KILEY, D. **Vida a dois vida solitária: Como curar sua solidão oculta**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- MINERVINO, J. R. **Matrimônio: Casais Ok ou Solidão a dois?** São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- SCHIFF, A.W.; SCHIFF, J. L. **Passividade**. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda, 1971. 1 v. Publicado em: Prêmios de Eric Berne, UNAT-BRASIL, 2005.
- WOOLLAMS, S.; BROWN, M.. **Manual Completo de AT**. São Paulo: Cultrix, 1979.

INTRODUÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL NO HOMEM